

ESTUDO: Pesquisa mostra os benefícios do hipismo além do esporte

revista  www.revistahorse.com.br • edição 127

(horse)



SANGUE DE CAMPEÕES
Single Blue Trapiche, filha de Zirocco Blue x Vendetta (Casall), potra de um ano do **Haras Trapiche:** construindo o futuro

A NOVA GERAÇÃO DO **HIPISMO** PERNAMBUCANO

Com tradição centenária, criadores investem em genética de qualidade para formar cavalos de alta performance

FESTIVAL BH

Brasileiro de Hipismo emociona Hípica Santo Amaro

TREINAMENTO

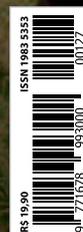
O cavalo espelha o seu nível de Horsemanship

CIÊNCIA

Equinos podem ajudar na vacina contra a Covid-19

MORMO

MAPA fala pela primeira vez sobre a doença no Brasil





O veterinário Geraldo Marcos de Moraes assumiu o Departamento de Saúde Animal, da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do Mapa no início de 2019

O MAPA E O MORMO

O veterinário Geraldo Marcos de Moraes, diretor de Saúde Animal do Mapa, fala como o governo tem enfrentado a doença que já sacrificou mais de 2 mil cavalos no Brasil

A situação do Mormo no Brasil e o que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vem fazendo para a sua erradicação. Pela primeira vez, um representante do Mapa fala à imprensa sobre a doença que há anos atormenta criadores e proprietários de cavalos no Brasil. Em entrevista exclusiva à **Revista Horse**, respondida por e-mail, o médico veterinário Geraldo Marcos de Moraes, diretor do Departamento de Saúde Animal, da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), do Mapa, fala sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido desde que assumiu a pasta no início de 2019.

Servidor de carreira (Auditor Fiscal) do Mapa, Moraes tem mais de 30 anos de experiência com o sistema nacional de defesa sanitária animal, desde o tempo em que atuou como servidor da Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal de Mato Grosso do Sul. Formado pela Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Minas Gerais, é doutor em saúde animal pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em epidemiologia pela UFMG e ainda especialista em geoprocessamento também pela Universidade de Brasília. Confira, a seguir, a síntese da entrevista, que pode ser conferida na íntegra no site www.revistahorse.com.br:

Qual o cenário que essa nova gestão do Mapa encontrou sobre o problema do Mormo no Brasil?

Um cenário complexo, com vários conflitos gerados pela falta de um fluxo estável de comunicação entre o setor público e o privado, levando à desinformação e questionamentos sobre o protocolo de diagnóstico oficial utilizado no país e, consequentemente, as incertezas sobre efetividade da política pública.

O que houve de mudanças na forma de conduzir a questão?

Houve a interlocução entre o Presidente da Câmara Setorial, o José Carlos Pires, a equipe técnica de nosso Departamento de Saúde Animal, o Secretário de Defesa Agropecuária e a própria Ministra da Agricultura, Tereza Cristina, todos empenhados em melhorar as condições para o diálogo e a cooperação em temas de relevância no campo da saúde dos equídeos.

Como se encontra hoje?

Nos últimos anos estabeleceu-se, ao nosso ver, um canal de comunicação mais eficiente entre o Mapa e as entidades representadas na Câmara Se-

torial da Equideocultura, orientado para o alcance de objetivos comuns entre os quais figura o fortalecimento do programa nacional de sanidade dos equídeos (PNSE).

Qual a maior dificuldade em se tratar do assunto Mormo no Brasil?

Uma das principais dificuldades é o negacionismo associado à doença no Brasil. A negação de evidências científicas originadas em vários e diferentes centros de pesquisa no Brasil e no exterior, pesquisadores e laboratórios de referência para a doença, nacionais e internacionais, de que a doença Mormo, causada pela *B. mallei* existe no Brasil, não contribui para que as iniciativas governamentais ou mesmo privadas, voltadas ao enfrentamento do problema caminhem com a qualidade, velocidade e apoio necessários.

O que foi feito até o momento em termos de “novos procedimentos”?

Com respaldo na ciência, foram desenvolvidos e implementados planos de vigilância e ensaios laboratoriais para diagnóstico para a doença, em estrita observância às diretrizes do Código Sanitário para os Animais Terrestres e do Manual das Provas de Diagnóstico e das Vacinas para os Animais Terrestres, da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), entidade criada em 1924 e da qual o Brasil é membro fundador.

Em outra vertente, o Mapa decidiu contratar, em 2020, consultoria especializada, por meio de projeto de cooperação técnica com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA, para desenvolver a avaliação da efetividade do PNSE, especificamente em relação ao mormo e à Anemia Infecciosa Equina (AIE). A entidade especializada vencedora do processo licitatório que culminou na contratação foi a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ), que realiza no momento levantamentos voltados à análise situacional do PNSE, especificamente em relação às doenças de interesse mencionadas, objetivando sua contínua melhoria em face dos desafios identificados e das experiências vivenciadas até o presente. Uma vez concluída esta etapa, será possível identificar eventuais necessidades de alteração do marco regulatório e dos procedimentos em curso. Outra linha de abordagem é a modernização dos procedimentos de coibição de fraudes, por meio da utilização de recursos tecnológicos modernos de identificação animal.

O que mudou com relação aos exames?

Desde abril/2020, o teste de triagem regulamentado em todos os laboratórios da rede Mapa passou a ser o Elisa, em substituição à Fixação de Complemento (FC). De acordo com Elschner em 2019, o teste de Elisa é recomendado devido à sua elevada sensibilidade e especificidade. O teste de FC foi substituído em âmbito nacional devido, principalmente, à ocorrência de reações anticomplementares, ocasionando, resultados inconclusivos para parte das amostras analisadas. Outra vantagem da adoção da plataforma Elisa foi a automação da prova, reduzindo a possibilidade de falha humana no processamento e leitura.

Quais as frentes que o Mapa vem desenvolvendo com relação aos estudos da doença?

A experiência do Brasil no tema motivou o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa e Saúde Pública-Panaftosa a apresentar informe técnico à OIE, em junho de 2019. O referido documento encontra-se em avaliação por dois de seus laboratórios mundiais de referência para o Mormo, o Animal Health Laboratory – ANSES, na França e o Friedrich-Loeffler Institut, localizado na cidade de Jena, na Alemanha, com vistas à eventual revisão do Capítulo 3.5.11, do Manual das Provas de Diagnóstico e das Vacinas para os Animais Terrestres, da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), por parte de sua Comissão de normas biológicas em maio de 2021.

Como ficou o trabalho realizado em Cananéia? Chegaram a alguma conclusão?

O Panaftosa está finalizando o relatório do projeto e, brevemente, suas conclusões finais serão publicadas. Informações preliminares foram, entretanto, apresentadas em reuniões da Câmara Setorial da Equideocultura e da Rede de colaboração e, ainda, em seminários voltados ao serviço veterinário oficial, ministrados pela Dra. Maristela Pituco, coordenadora do Projeto.

O Brasil conseguiu “isolar” a bactéria *Burkholderia mallei* no Brasil, como sugerem os estudos para identificar precisamente a doença?

Não houve registros do Mormo no Brasil no período compreendido entre 1968 até o ano de 1999. Em 2000 houve isolamento e o sequenciamento da *B. mallei* a partir de amostra de equídeo localizado na Zona da Mata Pernambucana pelo Prof. Dr. Rinaldo Mota, microbiologista veterinário da Universidade

“O teste de FC foi substituído em âmbito nacional devido, principalmente, à ocorrência de reações anticomplementares, ocasionando, resultados inconclusivos para parte das amostras analisadas!”

Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A informação está registrada, inclusive, no Genbank, um banco de dados de anotações de sequências de nucleotídeos publicamente disponíveis e suas traduções de proteínas produzidos e mantidos pelo National Center for Biotechnology Information, uma seção da United States National Library of Medicine, um aramo dos National Institutes of Health com sede em Bethesda, Maryland, instituição fundada em 1988.

Por que exames realizados fora do Brasil apresentam, na maioria das vezes, resultados diferentes dos realizados aqui?

O Mapa não dispõe de informações que respaldem a afirmação contida nesta pergunta formulada. Os laboratórios oficiais ou credenciados pelo Mapa submetem-se regularmente a auditorias do Inmetro em atenção à Norma ISSO 17.025, a ensaios de proficiência ministrados por laboratórios de referência e a auditorias do próprio Mapa. Não obstante isso, cabe ressaltar que eventual comparação de resultados de ensaios laboratoriais em materiais obtidos de um mesmo animal deve levar em consideração os métodos utilizados, o momento do processo infeccioso em que a amostra foi coletada, o emprego intencional ou não de imunossuppressores.

Há quem defenda a tese de que podemos estar tratando de uma outra doença que não seja exatamente o Mormo. É possível isso?

Não. Inexiste respaldo científico que sustente tal hipótese. A comunidade médico-veterinária ba-

seia suas discussões acerca do tema em evidências e comprovações científicas. O Mapa segue esse mesmo princípio. Como mencionado anteriormente, o negacionismo da doença, desprovido de qualquer sustentação científica, é importante entrave para a redução de riscos de sua disseminação no País.

Uma questão recorrente apresentada pelos críticos é que, embora seja uma zoonose, por que nunca houve casos (pelo menos de conhecimento público) de contaminação de humanos?

O Mormo é uma zoonose de ocorrência esporádica em seres humanos. Os casos humanos em todo o mundo são raros. Segundo o Prof. Fernando Leandro dos Santos, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), “o Mormo nunca foi uma doença que envolveu surto epidêmico. Pouquíssimas vezes encontram-se registros na literatura científica que tenha ocorrido casos em um grupo populacional. Possivelmente, isto tenha ocorrido na França, por volta de 1720, quando uma família morreu com sintomas semelhantes à do mormo em humanos. Diz-se semelhante porque àquela época ainda não havia o isolamento bacteriano nem outros meios de diagnóstico preciso. Não obstante isso, a maioria das cepas que circula no mundo é de baixa infectividade para humanos.

Como está a proposta de se fazer uma área de quarentena em SP?

Esta foi uma solicitação apresentada pela Câmara Setorial da Equideocultura, priorizada pela alta direção do Mapa e assumida pela atual gestão do Departamento de Saúde Animal, que demandou ao seu corpo técnico o desenvolvimento de ações específicas visando atendimento ao pleito. A iniciativa busca essencialmente a retomada das exportações de equinos para a União Europeia frente às restrições impostas pelas Diretivas da UE e levando em conta as diretrizes contidas no Código dos Animais Terrestres da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Sua concretização passa pela construção de um protocolo por meio de parceria estabelecida entre o Mapa e a Câmara Setorial da Equideocultura, que contempla a implantação de estabelecimento Quarentenário, mantido pelo segmento, cuja localização e funcionamento se encontram em estágio final de discussão.

Qual o objetivo do estudo encomendado sobre a Anemia Infecciosa e o Mormo com a Esalq?

Apresentar uma análise situacional do Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos quanto a sua efetividade como política pública. Além da modelagem do Impacto Econômico da presença do MORMO e da AIE no Brasil, considerando os seguintes cenários: manutenção da estratégia atual, inexistência das ações oficiais, e, implantação de compartimentos e zonas livres. A consultoria encontra-se incumbida, ainda, da elaboração de análise benefício/custo (ou custo eficácia) dos programas sanitários em referência.

Como estão as negociações com relação à possibilidade de reabertura com o mercado Internacional (europeu, em especial)

Após a aprovação do protocolo, a Secretaria de Defesa Agropecuária/Mapa e o setor privado iniciarão as tratativas com vistas à aprovação da proposta por parte da União Europeia.

Como está o processo de fiscalização? A quem cabe, como é feito?

É obrigatória a fiscalização do trânsito nacional e internacional de animais, por qualquer via, com vistas à avaliação das suas condições sanitárias e da conformidade da documentação de trânsito. O Mapa, como Instância Central, estabelece as normas e coordena a fiscalização do trânsito nacional e internacional. As Instâncias Intermediárias atuam na fiscalização agropecuária do trânsito interestadual, regulamentam e coordenam a fiscalização agropecuária do trânsito intermunicipal e intramunicipal, com base nas normas fixadas pelo Mapa. Em seu âmbito, as Instâncias Locais atuam na fiscalização agropecuária, tendo por base as normas fixadas pelas Instâncias Intermediárias e pelo Mapa.

Por que não há uma publicidade eficaz dos estabelecimentos interditados por causa do MORMO, já que se trata de uma zoonose e muitos proprietários acabam arrumando uma forma de “driblar” a entrada e saída de animais?

Porque o acesso às informações pessoais é definido por meio da Lei nº 12.527/2011, e classificado como

“A pior forma de enfrentamento de um problema é negar a sua existência. Todo animal infectado segue sendo uma fonte permanente de infecção para os outros indivíduos”

restrito e sigiloso. Por outro lado, atitudes de não observância à proibição de entrada e saída de animais em uma propriedade interdita pelo poder público por razões sanitárias constitui grave ilegalidade, sujeitando os infratores às sanções previstas em atos normativos federais e estaduais que regem a matéria.

Existe a perspectiva de erradicar a doença no Brasil?

Sim, mas diante da indisponibilidade de imunógenos contra a doença, não existe outra forma: todos os países com equideocultura expressiva no mundo e que erradicaram o MORMO, como o Canadá, os EUA, Austrália

e a Nova Zelândia, entre outros, optaram por políticas rigorosas de combate à doença por meio da testagem de animais e sacrifício dos soro-reagentes. Tais políticas contemplaram controles estritos em aglomerações, implementação de sistemas de identificação animal e rastreabilidade e de sistemas de vigilância epidemiológica seguida de intervenção imediata quando da detecção de casos e acompanhamento do saneamento de todos os focos da doença e seus vínculos pelos serviços veterinários, além, da sensibilização e participação ativa dos criadores. A perseverança em relação à condução das políticas de combate à doença implementadas nesses países permitiu-lhes alcançar a erradicação da doença e o reconhecimento internacional dessa condição.

Qual a mensagem que o Mapa poderia deixar aos criadores de cavalos preocupados com o MORMO?

A pior forma de enfrentamento de um problema é negar a sua existência. Todo animal infectado segue sendo uma fonte permanente de infecção para os outros indivíduos. Por essa razão, é importante que organizadores de eventos pecuários, transportadores de animais e médicos veterinários envidem esforços para evitar a transmissão da doença, agindo com rigor para detectar e eliminar fontes de infecção. Proprietários de equídeos devem buscar informar-se sobre o tema junto a profissionais e entidades que exercitem condutas pautadas pela ciência e apoiar as ações técnicas que objetivem a redução dos riscos de disseminação da doença. ●